

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

DO BLACK POWER AO CABELO CRESCO

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA
ATRAVÉS DO CABELO

Nádia Regina Braga dos Santos

Dezembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Alexino.

DO BLACK POWER AO CABELO CRESPO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA ATRAVÉS DO CABELO¹

Nádia Regina Braga dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre mulheres que resolveram parar de usar química nos cabelos num processo denominado de Transição Capilar e fizeram deste ato um posicionamento político e de empoderamento, principalmente no que diz respeito à resignificação de suas identidades como mulheres negras, divulgando e compartilhando suas experiências através das redes sociais, sobretudo através de vídeos postados no *Youtube*. Essas mulheres têm utilizado como discurso o protagonismo e têm influenciado outras mulheres a também assumirem seus cabelos naturais e reconhecerem em seus cabelos crespos sua ancestralidade negra de matriz africana, num processo de libertação das articulações históricas da branquitude. Através de uma abordagem histórica, do movimento identitário e político em torno do cabelo afro, comparando os posicionamentos na contemporaneidade com os movimentos sociais dos anos 60, principalmente o movimento Black Power, traça-se um paralelo para avaliar quão é politicamente significativo na atualidade o que essas mulheres tem compartilhado nas redes sociais.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Cabelo Afro, Ancestralidade, Identificação, Empoderamento, Transição

ABSTRACT

This work is a study of women who decided to stop using chemicals in their hair in a process called capillary Transition and made this act a political position and empowerment, particularly with regard to the redefinition of their identities as black women, disseminating and sharing their experiences through social networks, especially through videos posted on Youtube. These women have used to address the role and have influenced other women to also take their natural hair and recognize in her curly hair its black ancestry of African origin, a process of liberation of the historical articulations of whiteness. Through a historical approach, the identity and political movement around the african hair,

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Alexino

² Arquiteta formada pela Universidade Federal do Piauí (2011) e pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura, pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), da Universidade de São Paulo (2015).

comparing the positions in contemporary with the social movements of the 60s, especially the Black Power movement, draws a parallel to assess how it is politically significant today the these women have shared on social networks.

Key words: Black Women, Hair African, Ancestry, Identity, Empowerment, Transition

RESUMEN

Este trabajo es un estudio de mujeres que decidieron dejar de usar los productos químicos en el pelo en un proceso llamado transición capilar y hace este acto una posición política y empoderamiento, particularmente con respecto a la redefinición de su identidad como mujeres negras, difundir y compartir sus experiencias a través de las redes sociales, especialmente a través de los vídeos publicados en Youtube. Estas mujeres han utilizado para abordar el papel y han influido a otras mujeres a tener también su cabello natural y reconocer en su pelo rizado de su ascendencia negro de origen africano, un proceso de liberación de las articulaciones históricas de blancura. A través de un enfoque histórico, la identidad y el movimiento político alrededor del pelo africano, la comparación de las posiciones en contemporánea con los movimientos sociales de los años 60, especialmente el movimiento del Poder Negro, dibuja un paralelo para evaluar la forma en que es políticamente significativa hoy estas mujeres han compartido en las redes sociales.

Palabras clave: Negro Mujeres, africanos pelo, ascendencia, Identidad, Empoderamiento, Transición

1. Introdução

Eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais *iducado* do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É *indisciplinado*. Se é que existe *reincarnação*, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 2014, p. 64).

A questão do negro no Brasil passa historicamente por uma série de fenômenos sociais. É sabido que após o fim da escravidão as anulações e opressões aos corpos de mulheres e homens negros continuaram e tem hoje formas de expressão muito enraizadas na cultura brasileira. Isto mostra o que Fanon (2008, p. 186) já definiu em seus estudos sobre a alienação psíquica do negro, que diz que “o negro, mesmo sendo sincero, é escravo do passado”, ou seja, mesmo após décadas do fim da escravidão, ainda existem grilhões a serem quebrados.

Sendo assim, o cabelo como parte de um corpo social, pode ser utilizado para melhor compreensão das relações entre o negro e a sociedade. Segundo King (2015, p. 8) "os cabelos são considerados em diversas culturas como elementos marcantes da construção da beleza feminina", fornecendo informações sobre as características de cada indivíduo.

Definido por muitos como "a moldura do rosto", o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimento a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica vinculados a um contexto sociocultural (KING, 2015, p. 8).

Esta capacidade simbólica do cabelo teve um papel marcante em diversos momentos históricos, um dos principais deles ocorrido na década de 60, como arma de resistência durante o movimento Black Power. O mesmo foi precursor do questionamento relativo à imposição de alterar a estrutura do cabelo de mulheres negras através do alisamento para adequarem-se aos padrões europeus de beleza que implicam em mulheres com cabelos perfeitamente lisos. No Brasil, por ser uma característica física mais passível e acessível de mudança, o cabelo afro ainda é uma das mais bem articuladas expressões do racismo.

Um fato é que nem mesmo se questionava a ação das mulheres de permitirem que suas crianças ainda muito novas passassem por tais mudanças, muitas com métodos muito primitivos, com exposição a componentes químicos muitas vezes nocivos à saúde, numa tentativa de adequá-las a uma sociedade que na verdade deveria adequar-se a elas. O fato das crianças com cabelo afro sofrerem discriminação desde muito novas de forma alguma foi questionado até recentemente, no sentido de investigar porque as sociedades as discriminam e de mudar esse quadro, a complexidade disso fez com que ficasse para a criança toda a responsabilidade por algo que ela não poderia ser responsabilizada.

Tal posicionamento social só é possível devido à cultura brasileira ter se estruturado sobre uma base sólida de preconceito, onde o corpo negro precisa ser assimilado e devolvido a convivência social, embranquecido de

alguma forma para que só então passe a ser parcialmente tolerado (DJOKIC, 2015).

Diante desse quadro, observa-se nos últimos anos uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas, que já se submeteram a alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. O processo é chamado no Brasil de “Transição Capilar” e consiste em deixar o cabelo crescer para gradualmente ir cortando toda a química restante, até deixá-lo totalmente natural e tem gerado interesse e um novo mercado, tal como afirma Arraes (2014).

Há um novo nicho de mercado que vem ganhando cada vez mais espaço online: o ramo de beleza. Muitas garotas sonham em criar um blogue ou um canal no YouTube e com isso conseguir ganhar dinheiro para se sustentar, além de receber produtos enviados pelas empresas em troca de resenhas e propagandas. No Brasil, esse mercado vem tomando força e hoje já existem muitas jovens blogueiras que se tornaram celebridades na internet. É importante debater, no entanto, sobre a relevância social desses novos cargos e profissões e a forma como continuam a reproduzir velhos preconceitos (ARRAES, 2014).

Algo que define a ação dessas mulheres está embasado em Gramsci (2001, Apud SANTOS, 2009, p. 151) que construiu as ideias em torno dos intelectuais tradicionais e orgânicos, e algumas dessas mulheres que possuem páginas e canais de vídeo na internet possuem um discurso tão politizado e incisivo, que podem ser caracterizadas como verdadeiras intelectuais orgânicas, mobilizando posturas não hegemônicas, conforme destacado por Santos:

Os intelectuais orgânicos estão habilitados a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. Em suma, a hegemonia de uma classe também está ligada ao papel que os seus intelectuais desempenham. Segundo Gramsci, todos os homens são intelectuais, mas nem todos assumem essa função na sociedade. A escola, o partido, a fábrica, a participação em organizações etc., são espaços criadores de intelectuais (SANTOS, 2009, p. 151).

A atuação dessas mulheres aproxima-se do que Gomes (2008) em seu estudo no interior de salões étnicos destaca ao afirmar que, mesmo sem a clareza da força da sua atuação, esses salões muitas vezes desempenham o papel de “restaurar importantes elos entre o negro e a sua autoestima” (GOMES, 2008, p. 32). O mesmo pode ser observado ao analisar os vídeos e relatos de mulheres que compartilham suas experiências relativas ao ato de assumir seus cabelos naturais, e o que se pode observar nos discursos de algumas dessas mulheres são elementos políticos, de ressignificação e de afirmação de suas identidades raciais.

Este trabalho analisa manifestações relacionadas ao cabelo afro para identificar nos discursos suas propriedades de empoderamento e afirmação de identidade e também investiga as condições de reificação e seu processo de esvaziamento político ligados a mesma através de um comparativo com o movimento Black Power ocorrido nos anos 60.

2. Marcos Teóricos

A formação social do Brasil, desde o período colonial e no decorrer da branquitude³, deu-se na instauração de alterações corporais impostas ao corpo negro, assim mudar a aparência dos cabelos através do alisamento foi reflexo dessa valorização do corpo branco e suas características. Esse posicionamento social trouxe implicações econômicas, culturais e políticas que são ainda sentidas e correntes nos dias atuais, um exemplo disso é que mesmo hoje, alisar os cabelos ainda é a regra, como se pode ver nas palavras de King (2015).

De acordo com nossa história, é possível constatar que a cor da pele esteve diretamente ligada à ascensão social entre o final do século XIX e o começo do século XX, em especial no período pós-escravidão. A mestiçagem se desenvolveu em paralelo a um ideal de embranquecimento da população brasileira com a adoção de valores da aristocracia européia pelo Brasil, que reforça uma hierarquia social também baseada na cor da pele, no formato do rosto e na textura dos cabelos. Mestiços ganharam, pouco a pouco, uma relativa importância social em detrimento dos negros, que têm a pele mais escura (aqui, faço referência a mestiços como pessoas nascidas da miscigenação

³ “Constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem, ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores” (SCHUCMAN, 2014, p.46)

entre negros e brancos). Uma verdadeira nova categoria de indivíduos estava sendo estabelecida pelas autoridades brasileiras, e dentro dela os mestiços se aproximavam da “comunidade branca”. É importante ressaltar que a miséria e carência latentes e estruturais da maior parte da população, o concubinato e a concorrência pelo controle da mão-de-obra também estão na origem da mestiçagem na América Latina (KING, 2015, p. 2).

Segundo King (2015), a técnica do alisamento influenciou de tal forma a indústria da beleza, que acabou subordinada a mesma e ao poder econômico, “o saber técnico do alisamento desenvolveu-se de acordo com a história da construção do corpo e de seus padrões de beleza no país e novas necessidades em matéria de alisamento foram criadas” (KING, 2015, p. 3).

Diante desse quadro, observa-se nos últimos anos uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas, que já se submeteram à alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. O processo é chamado no Brasil de “Transição Capilar” e consiste em deixar o cabelo crescer para gradualmente ir cortando toda a química restante, até deixá-lo totalmente natural.

Pode-se observar um processo de empoderamento das mulheres através da livre decisão de voltar ao cabelo natural e no sentido de ir contra a postura dominante que tem feito essas mulheres mudar a estrutura dos seus cabelos para se adequar a um padrão de beleza que oprime sua ancestralidade africana e para entender este processo é preciso compreender o significado do termo, tal qual demonstrado por Horochovski e Meirelles (2007).

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aufere poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos. Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido,

equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. Como o acesso a esses recursos normalmente não é automático, ações estratégicas mais ou menos coordenadas são necessárias para sua obtenção (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486).

No que diz respeito à questão da identidade, Hall denomina de “identificação associativa” o fato de povos imigrantes e seus descendentes manterem e tentarem preservar uma identidade cultural com suas “terras de origem” e destaca que “contudo, seria errôneo ver essas tendências como algo singular ou não ambíguo. Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2004, p. 38).

Dentro disto, se essas mulheres forem enquadradas dentro de um conceito de “minorias étnicas” conforme abordado por Bauman há de se destacar os limites impostos aos indivíduos classificados desta forma.

As pessoas são designadas como de “minorias étnicas” sem que lhes seja pedido consentimento. Podem ficar satisfeitas com a situação, ou passar mais tarde a gostar dela, e até lutar por sua perpetuação sob alguma palavra de ordem do tipo “*black is beautiful*”. O problema, contudo, é que isso não influencia o estabelecimento das fronteiras, que é administrado pelas “comunidades poderosas”; e perpetuado pela circunstância dessa administração (BAUMAN, 2003, p. 62).

Nesse sentido, a ação dessas mulheres se articulando de forma tão orgânica, até mesmo sem direcionamento definido, gera uma investigação dos seus atos como políticos, de identificação, conforme definido por Hall (2003), como um processo de empoderamento dentro do seu grupo ou como reificação.

2.1 Cabelo, história e papéis sociais

Segundo Lody (2004, p. 14) é possível observar, através de registros pré-históricos como pinturas em cavernas, a função dos cabelos ao identificar os diversos papéis sociais de homens e mulheres por meio dos mesmos em seus diferentes usos, cores, e formas; e destaca que “desde a antiguidade os cabelos recebem atenção especial dos povos”.

O pêlo consiste num anexo queratinoso que possui várias funções. Ele serve como proteção de várias áreas do nosso corpo (olhos, couro cabeludo, ouvido e nariz), proteção térmica durante períodos frios e adorno. O adorno pode ser uma expressão de personalidade, determinação de diferenças culturais e biológicas, indicação de *status* (em algumas sociedades primitivas) e, obviamente, um valor psicológico. No ser humano, devido ao processo evolutivo, os pêlos não exercem nenhuma função vital. No entanto, do ponto de vista social, o cabelo (denominação dos pêlos na região do couro cabeludo) é muito importante: reforçam a autoestima, enquadra o indivíduo num determinado grupo de pessoas, cultura ou etnia; além do apelo estético (pois está associada à juventude e beleza) e sexual (NAKANO, 2006, p. 1)

Em termos históricos, se tem vários exemplos de diferentes situações e contextos sociais que podem ser caracterizados através de interpretações a partir do uso dado aos cabelos. “Os assírios deixavam os cabelos soltos em cachos, até os ombros, sendo um padrão de beleza para a época. Entre os nobres, os homens usavam capacetes e as mulheres fitas” (LODY, 2004, p. 14). Na África, no antigo Egito a partir de 3.000 a.C, Lody (2004) chama a atenção para o costume e padrão de beleza que consistia em raspar a cabeça e demais pêlos do corpo, usavam-se perucas feitas de cabelo humano ou lã de carneiro, como sinal de nobreza as mesmas poderiam ostentar verdadeiras jóias, peças feitas de pedras preciosas, ouro e outros materiais.

Na Idade Média, os povos primitivos da Europa, os chamados bárbaros, tinham por princípio que cabelos longos distinguiam os homens livres dos escravos (estes eram obrigados a usar cabelos curtos). No entanto, os guerreiros precisavam aparar seus longos cabelos e barbas para adaptá-los aos trajes de guerra – as armaduras de metal, que também eram entendidas como símbolo de poder. As mulheres se caracterizavam por longas tranças protegidas por véus. Isso ocorreu na Europa por longo período, até o século XV (LODY, 2004, p. 15)

Outros momentos históricos que marcam mudanças no modo de usar os cabelos ocorrem durante as duas grandes guerras mundiais. Na Primeira Guerra Mundial, as mulheres foram convocadas a trabalhar, de forma que as roupas simplificam-se assim como os cabelos, que ficam mais curtos e menos elaborados. Coco Chanel, que foi uma das mais criativas estilistas de moda de sua época, surge em 1920 lançando tendências na moda e gera uma verdadeira mudança de comportamento entre as mulheres "ao cortar seus cabelos bem curtos, com talhe reto e franja" (DAL'PIZZOLI; PSCHIEDT, 2010, p. 8). Anos depois, a Segunda Guerra Mundial também exigiria mudanças que se refletiriam no modo de tratar e mostrar os cabelos.

Nessa época Hollywood lança os filmes com tema de guerra e musicais alegres e coloridos, as atrizes eram moldadas no estilo pin-up girls. As atrizes utilizavam longos e macios cabelos soltos e geralmente cobriam a metade do rosto, sendo Verônica Lake a atriz mais imitada na época. Com esta febre de imitar a atriz muitas mulheres que trabalhavam em fábricas tiveram acidentes fatais envolvendo seus cabelos soltos nas engrenagens das máquinas (DAL'PIZZOLI; PSCHIEDT, 2010, p. 10).

Em vista dos acidentes tornou-se obrigatório o uso de redes nos cabelos, o que segundo Dal’Pizzoli e Pscheidt (2010) acabou por tornar-se moda.

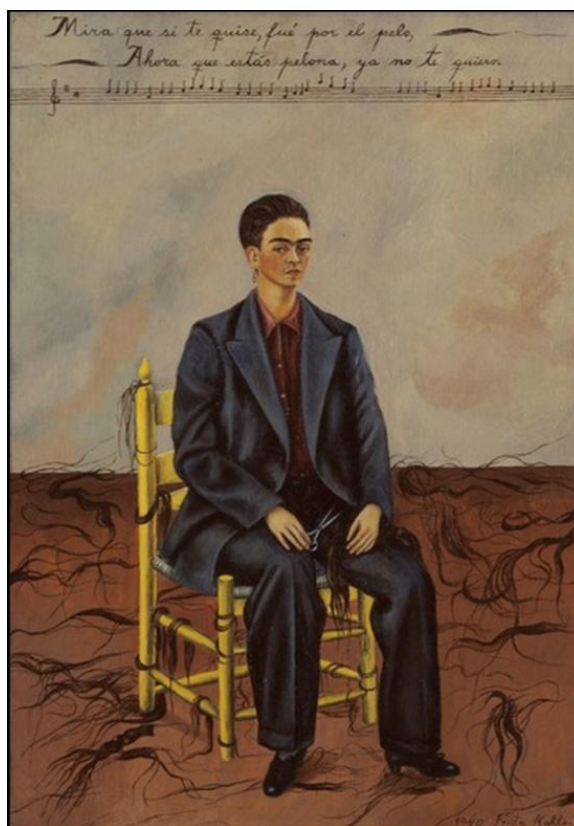
O cabelo tem atravessado o tempo ultrapassando sua função biológica de proteção do crânio contra radiações solares, assumindo além de seu significado estético de sedução e vaidade, significados sociais, culturais, religiosos e políticos. É assim que para muitas culturas, determinada forma de usar os cabelos traz leituras distintas. Os hindus, por exemplo, tem em algumas vertentes religiosas como preceito, cabelos longos e desalinhados como exigência para um distanciamento de preocupações mundanas, “em todas as civilizações o comprimento do cabelo, a presença ou ausência, o estilo do penteado têm tido um papel importante em revelar a ocupação do indivíduo, o status profissional, conduta moral, sexo, idade e estado marital” (DAL’PIZZOLI; PSCHIEDT, 2010, p. 4).

Quando se isola o cabelo como ritual, é possível observar uma série de simbolismos, que retratam dogmas e crenças de determinado povo ou religião. Muitos consideram o cabelo cortado ou raspado como característica

de celibato e castidade, e para outras culturas têm-se o corte do cabelo como punição, como numa aldeia do norte do Japão, onde ter os cabelos cortados é uma pena pelo adultério. Ou em vias da Segunda Guerra Mundial onde as mulheres podiam ter seus cabelos cortados caso descoberto envolvimento das mesmas com soldados inimigos que ocupassem com seu exercito determinado território (DAL'PIZZOL; PSCHIEDT, 2010).

Em uma história mais recente, a pintora mexicana Frida Kahlo, no autorretrato de 1940 aparece com um corte bem curto e terno masculino. Ao descobrir que seu marido Diego Rivera tinha um caso com Cristina, sua irmã mais jovem, Frida, descontrolada, cortou os cabelos, adorados por Diego. Punindo-o, ela punia a si própria e desligava-se de sua feminilidade. O verso de uma canção pintado na parte de cima do quadro justificando seu ato: "Olha, se te amei foi pelo teu cabelo. Agora que estás careca, já não te amo" (KETTENMANN, 2006, Apud SOUSA, 2009, p. 13)

Figura 1: Self-Portrait with Cropped Hair, 1940



Fonte: The museum of modern art, 2015⁴.

Segundo Sousa (2009) os cabelos eram oferecido em sacrifício para agradar os deuses na antiguidade. Para os Índios Xingu os cabelos são

⁴ Disponível em: <>.

considerados sensuais, as mulheres raspam seus cabelos em sinal de luto e o povo tem como hábito rasparem todos os pelos do corpo para diferenciarem-se dos macacos. O cabelo como provocação sexual, no sentido de pecado, é uma idéia com origem na tradição cristã, mas também aparece nos padrões muçulmanos, onde as mulheres não mostram seus cabelos em público e para judeus ortodoxos é vedada a mulher se apresentar abertamente com cabelos visíveis após o casamento.

Na cultura Himba, etnia da África Austral, dos povos Banto, localizados na região da Namíbia e Angola, que se destacam por manter viva parte significativa de seus costumes frente à ocidentalização, as mulheres costumam usar um tipo de peruca após o rito de passagem da puberdade, “a peça é confeccionada em franja de fibras com miçangas, lembrando cabelo, sendo arrematada com frutos chamados *buchemia*” (LODY, 2004, p. 74). Outro costume entre os Himba consiste no uso dos dreads, que afirmam terem adotado desde o surgimento de sua cultura, os mesmos representam o estado civil das mulheres, embora os homens também os utilizem esteticamente (Figura 2).

Quando solteira, as moças andam com o cabelo virado para frente, cobrindo quase que o rosto inteiro. Assim que se casam, ganham um adorno de couro e os dreads são jogados pra trás, sempre com a coloração rubra presente. Esta cor é obtida com o uso de um creme chamado por elas de otjize, feito com manteiga, ocre esfarelado e argila de tom avermelhado (VIEIRA, 2015, p. 1).

Figura 2: Mulheres da etnia Himba.



Fonte: Vieira (2015)

Além dos costumes e rituais, alguns mitos têm alimentado o imaginário coletivo sobre os cabelos, o mito de Sansão, por exemplo, mostra o cabelo como centro da força. Uma observação dos contos infantis, além da questão da representação feminina ligada aos cabelos, indica também a sua utilização punitiva, de sacrifício e claro, sedução.

Rapunzel foi presa por sua mãe adotiva na torre de um castelo, com uma única janela. Seus cabelos eram tão longos que formavam duas enormes tranças. Estas foram jogadas para um príncipe que a ouviu cantar, se apaixonou e pediu que jogasse suas tranças, sua mãe a abandonou no deserto e jogou o príncipe do alto da torre causando sua cegueira. Muitos anos depois, o casal se reencontrou, as lágrimas de Rapunzel curaram a cegueira do príncipe e eles viveram felizes para sempre (SOUSA, 2009, p. 14).

O mito grego da personagem feminina Medusa, uma bela sacerdotisa da deusa Atenas, que ao despertar o interesse do deus Poseidon, é violentada pelo mesmo no templo da deusa, onde por obrigação é preciso manter-se virgem, e ainda é punida por Atenas com a maldição de transformar-se em um monstro poderoso e temido. No lugar dos seus lindos cabelos, surgem cobras terríveis, ao olhá-la qualquer pessoa se transformaria em pedra. A cabeça de Medusa transforma-se em uma poderosa arma, mostrando a dualidade do corpo feminino e construindo o imaginário em torno dos cabelos, mesmo privada de sua beleza, Medusa continua fonte de grande poder (SOUSA, 2009).

Outros seres mitológicos que despertam essa contradição de significados são as sereias, “com corpo de peixe e tronco de mulher a sereia usualmente é encontrada sobre as rochas, às margens dos lagos e mares, penteando seus lindos cabelos longos e cantando” (SOUSA, 2009, p. 14). Seus perigos residem em sua beleza, atraídos por ela e por seu canto, homens adormecem e são levados para a profundidade do mar (SOUSA, 2009).

Cascudo fala também da existência desses seres no imaginário africano, mais especificamente na mitologia angolana que relata duas sereias, chamadas de Kianda e Kiximbi (CASCUDO, 2001 Apud LODY, 2004).

Esses personagens femininos, sob a forma de sereias, ganharam no Brasil um amplo significado. As mais populares e

que marcam profundas relações entre o Brasil e o continente africano são Iemanjá, das águas salgadas, e Oxum, das águas doces. Esses dois orixás representam os valores da mulher, da mãe e também da sereia, formando o imaginário do ser sexual feminino. São mulheres sempre representadas com longos cabelos, portando pentes de ouro, de coral, de marfim que acabam por compor também significados de poder, de deusas das águas. Inaê, Mãe Dandá, Dandalunda, Princesa do Aiojá, Mãe d'água, Rainha do Mar, Mãe Sereia, Dona Maria, Aziri, Tobossi, Dona do Mar, entre tantos outros nomes, identificam a mãe sereia, a mulher que mantém o ato simbólico feminino e milenar de pentear sensualmente os longos cabelos (LODY, 2004, p. 77)

No Brasil a mitologia Tupi relata a lenda da mãe d'água doce, Iara, que possui muitas formas, que canta e penteia seus longos cabelos nas noites de lua cheia e “por ser extremadamente atraente, quem a vê fica cego e quem a ouve é levado para o fundo do rio” (SOUSA, 2009, p. 14). Assim, mais do que relacionados à questão feminina, os cabelos têm sido instrumentos de transmissão de história e significados, imprimem costumes, crenças e até mesmo ideologias.

2.2 Cabelo e resistência, anos 1960 e o movimento black power

O movimento Black Power surgiu na década de 1960 como um movimento político e identitário, marcado pelo uso do cabelo natural em destaque, como enfrentamento da imposição da estética eurocêntrica, e pelo slogan *Black is beautiful*, ou seja, “ser negro é lindo” (COUTINHO, 2011).

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos(as) jovens negros(as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade (HOOKS, 2005, p. 2).

Fanon (2008, p. 186) diz que “diante do branco, o negro tem um passado a valorizar e uma revanche a encaminhar” e foi este sentimento que tomou conta do movimento negro nos Estados Unidos na luta pelos direitos

civis da década de 1960, e que trouxe nomes como os Panteras Negras, Angela Davis (Figura 3), Malcom X e Martin Luther King.

Figura 3: Angela Davis, anos 1960



Fonte: Monteagudo (2012).

Sendo Angela Davis uma das grandes responsáveis pela popularização do penteado que foi símbolo da luta pela valorização e reivindicação de representatividade empreendida nos anos de 1960, o penteado Black Power tratava-se de um desafio ao padrão do cabelo liso, com a libertação do cabelo crespo para transmitir todo o ideário de resistência e empoderar mulheres e homens negros com conscientização de que seus traços naturais são lindos, ou seja, *“black is beautiful”*.

O precursor disto foi o movimento Negritude surgido por volta da década de 1920, essencialmente marxista com enfoque cultural o movimento buscou desfazer a afirmação política e social da cultura européia, tanto nas regiões a época colonizadas do continente africano como nos países da diáspora, desconstruindo os modelos europeus de cultura e construindo a afirmação dos valores e símbolos da cultura africana (DOMINGUES, 2005, p. 5).

Até essa época considerava-se positivo apenas, os modelos culturais brancos que vinham da Europa. Para rejeitar esse processo de alienação, os protagonistas da ideologia da negritude passaram a resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana. Como salienta Jean Paul Sartre, "trata-se de morrer para a cultura branca a fim de renascer para a alma negra" (DOMINGUES, 2005, p. 5).

Domingues (2005) aponta que embora o movimento Negritude tenha tido grande importância no sentido da conscientização do negro sobre suas origens, seu papel social e sua autoestima frente ao notável valor da sua cultura e conhecimento, houve uma divisão do mesmo em dois grupos, pois enquanto uma minoria se lançava além nas questões sociais, numa luta contra todo tipo de opressão do sistema capitalista, como apregoado por Fanon (2008), a maioria se concentrava exclusivamente na conscientização racial, permanecendo na especificidade da condição do negro e sem se vincular a esses outros grupos que também incluíam negros, só que em outras condições sociais, econômicas e políticas.

Quando ganhou força na França, a negritude era a ideologia de uma elite negra letrada, na medida em que congregava os estudantes oriundos de famílias “remediadas” dos países colonizados (Antilhas e África). O discurso de volta às origens, alardeado pela ideologia da negritude não atingia as massas africanas, as quais permaneciam em sua maioria analfabetas e preservando os valores da cultura tradicional. Por isso, o discurso da negritude na África, a princípio, apenas sensibilizava a elite colonial negra, que vivia material e espiritualmente nos moldes do colonizador (DOMINGUES, 2005, p. 7).

Hooks (2005) destaca que em relação ao movimento Black Power, semelhante ao ocorrido em todo o movimento negritude, “as lutas de libertação negra não conduziram à mudança revolucionária na sociedade” (HOOKS, 2005, p. 3), e assim houve um rompimento da relação entre a estética, política e a resistência feita através dos *blacks* à hegemonia da branquitude, e os cabelos se homogeneizaram novamente na cultura do alisamento. Segundo Coutinho (2011), no Brasil o discurso já se esvaziara antes mesmo disso.

O Brasil do final dos anos 60 vivia a ditadura militar, com censura, prisões, exílio e tudo mais por isso, o que chegou à população afro-brasileira do movimento norte americano foi só a estética Black Power os cabelos, a soul music, as roupas, boinas e a ginga tornaram-se moda. Artistas como Tim Maia, Tony Tornado e Trio Ternura reproduziam o que James Brown, a banda Paliamment, os Jackson Five e tantos outros faziam nos palcos americanos, fortalecendo a auto estima dos negros. Gravações mais explícitas foram feitas por Wilson Simonal, com Tributo a Martin Luther King e por Elis Regina com Black is Beautiful (FAUSTINO, 1997 Apud COUTINHO, 2011, p. 2).

O mesmo aconteceu com o movimento Negritude que só chegou ao Brasil na década de 1940, só quando intelectuais negros tiveram contato com o ideal do mesmo, o transformando em uma filosofia de vida. Domingues (2005) destaca que isto ocorreu principalmente através do Teatro Experimental do Negro (TEN), “entidade fundada em 1944 no Rio de Janeiro, e voltada inicialmente para desenvolver uma dramaturgia negra no país” (DOMINGUES, 2005, p. 13). A exemplo do ocorrido internacionalmente, o movimento ganhou grande importância identitária e contribuiu para que certa camada da população afro descendente do país se libertasse das amarras ideológicas da branquitude, mas foi de certa forma mitificado.

Por isso, Costa Pinto entende que ideário de negritude forjado pelo TEN não passava de um mito: “o processo é o mesmo da formação de todo mito; retira-se dos fatos uma abstração, considera-se essa abstração como um fato, e passa-se a enxergar, a pensar, a sentir, a agir em função dessa concepção invertida e mistificada das coisas” (DOMINGUES, 2005, p. 15).

O que ocorreu tanto no movimento Negritude como no movimento Black Power foi de fundamental relevância aos avanços que se observam hoje em relação ao racismo. Um despertar da tomada de consciência em relação à opressão colonial e às imposições estéticas eurocêtricas respectivamente levou a “revalorização da herança ancestral africana; contribuiu para o negro construir uma auto-imagem positiva; propiciou visibilidade e o consequente fim do silêncio que pairava diante da causa negra”. Todavia, houve muitas limitações nas ideias mais amplamente aderidas na luta, como o fato de não se voltar para a “luta emancipatória nas demais esferas da vida (social, política e de gênero, por exemplo)”, que não contribuíram para que uma revolução social completa ocorresse após essa tomada de consciência e desde então se pode observar um retrocesso no posicionamento identitário e político (DOMINGUES, 2005, p. 18), como no caso do alisamento, e novamente volta à pauta social de luta esta afirmação das raízes e do corpo negro como legítimo e belo. A luta volta-se para o reconhecimento do cabelo crespo como símbolo de identidade e raiz, mas até que ponto esta ideia é catalisadora de verdadeira mudança política e social no que diz respeito ao racismo no cenário atual?

2.3 Cabelos crespos como ato político e identitário

Edmonds (2007) afirma que no Brasil, o mito da democracia racial tomou de tal forma a mente dos brasileiros em substituição a eugenia do período colonial, que passou a fazer parte do imaginário em torno da identidade nacional, neste processo reside à preocupação com a beleza pessoal dentro dos parâmetros da branquitude.

Em vez de melhorar a aparência dos filhos casando-se com homens de pele mais clara, as mulheres foram levadas a melhorar a própria aparência, agradando assim a seus maridos. Em vez de eliminar o esteticamente indesejável na nação por meio de uma solução coletiva (mistura racial), o melhoramento estético seria conseguido por meio de transformações da aparência individual (EDMONDS, 2007, p. 246).

Os reflexos da colônia solidificaram no Brasil uma sociedade patriarcal e racista que aliada ao capitalismo montou o contexto social e político que segundo Hooks (2005) é onde se molda o comportamento social, entre negros, de alisar os cabelos.

Construir a aparência física pela negação de seu corpo pode ser a ocasião para uma pessoa de se transformar. O alisamento é um fenômeno que possibilita a mudança da aparência física de uma mulher. O número de técnicas de alisamento e o vínculo deste procedimento com diversas problemáticas sociais reforça sua importância, dadas suas recorrência e atualidade. Ele reforça a negação de cabelos crespos dentro desta sociedade, que tem em sua origem o profundo histórico do racismo (KING, 2015, p. 6).

King (2015) identifica em seus estudos dois tipos de alisamentos, divididos em técnicas químicas e não-químicas. As técnicas químicas são os alisamentos por hidróxido de sódio, Guanidina, Amônia, escovas progressiva ou definitiva, Retoque e por formol, que se encontra proibido no Brasil desde 2009. As não químicas consistem nas técnicas mecânicas, como escova, chapinha, bôbis, ferro de passar e até meias colantes aderentes podem ser utilizadas neste processo.

O efeito do alisamento obtido pelas técnicas não químicas é bem mais rápido e com resultados considerados mais eficazes. As técnicas químicas tratam os cabelos através do tempo: quanto mais produtos químicos forem aplicados, sempre respeitando

uma frequência e disciplina, mais o couro cabeludo desenvolverá raízes lisas. Combinar técnicas, portanto, é bastante frequente para muitas e a melhor forma de manter os cabelos sempre lisos (KING, 2015, p. 3).

São processos, em via de regra, dolorosos, causam cortes químicos nos fios capilares e alguns apresentam sérios riscos a saúde, como o formol, por exemplo, que foi proibido no Brasil desde 2009 devido a problemas respiratórios e doenças crônicas causados pelo mesmo, ele pode ser encontrado ainda hoje em tratamentos para alisamento do cabelo, mesmo ilegal e estando ligado a doenças como câncer: “A exposição prolongada ao formol pode causar desde feridas na boca e narina a doenças mais graves, como câncer de faringe, laringe, traquéia e brônquios. O alerta é da médica e representante da Sociedade Brasileira de Dermatologia Priscila Kakizaki” (NAVES, 2015, p. 1)⁵.

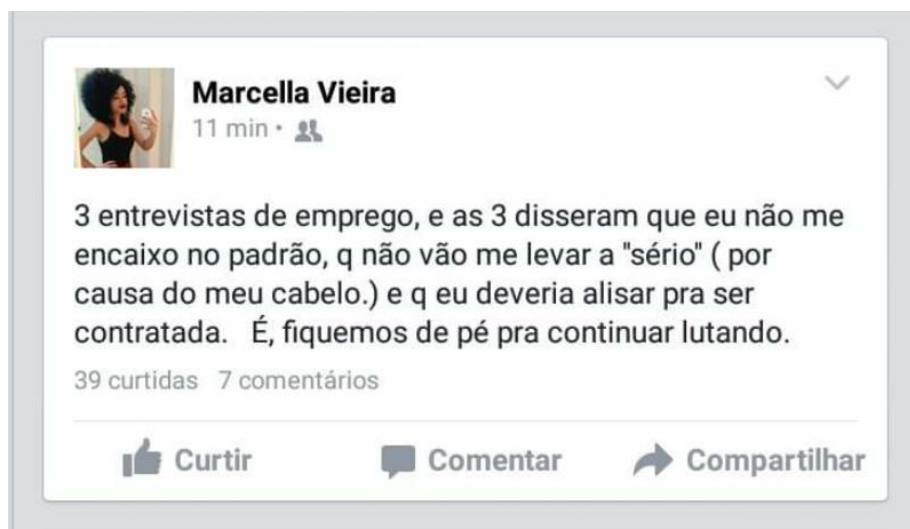
Mesmo diante de todos os riscos e dores, o que chama atenção é o porquê de tantas mulheres se submeterem a estes processos durante tanto tempo, pode-se deduzir que há algo por trás deste sacrifício a que estas mulheres se impõem, algo que pode gerar mais sofrimento que os físicos causados pelas técnicas extremas de alisamento.

Hooks (2005) fala sobre a experiência que teve ao discutir sobre beleza com jovens mulheres negras, estudantes em *Spelman College*⁶, e muitas destacaram que achavam importante possuir os cabelos lisos para conquistar uma vaga de emprego. Esta conclusão não é infundada, muitos são os relatos de mulheres, nas redes sociais (Figura 4) e fora delas, que afirmam terem sido discriminadas por causa de seus cabelos naturais.

⁵ NAVES, Marcel. Mesmo proibido, formol é vendido em São Paulo. Estadão. São Paulo: Grupo Estado, 2015. Disponível em: < <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,mesmo-proibido-formol-e-vendido-em-sp-imp-,1655797>>. Acesso em: 22 Set. 2015.

⁶ Spelman College é a uma das instituições mais antiga dos Estados Unidos de ensino superior para as mulheres negras, localizada em Atlanta, Georgia.

Figura 4: Relato em rede social sobre discriminação



Fonte: Vieira, Facebook, 2015.

Segundo Hooks (2005) muitas mulheres negras nos Estados Unidos que decidem usar dreads assumem um posicionamento totalmente oposto ao ato de alisar os cabelos e são desprezadas até mesmo por outras mulheres negras, o que transforma o seu ato num posicionamento político. Contudo, ao tomarem consciência de que manter seus cabelos naturais coloca suas relações emocionais mais íntimas e sociais em risco, muitas podem facilmente ficarem inclinadas a alisar seus cabelos e de certa forma evitar esses conflitos, mas Hooks (2005) coloca que “nem sempre temos de renunciar a nossa capacidade de ser pessoas que se autodefinem para ter sucesso no emprego” (HOOKS, 2005, p. 6), destacando sua própria experiência pessoal, quando conquistou uma vaga de emprego em Yale e na seleção para a mesma encontrava-se com seu cabelo em sua forma natural, sem aplicação de qualquer tipo de alisamento e ressalta a importância representativa na desconstrução desta imposição da branquitude a estética afro

Em uma de minhas conversas que se concentravam na construção social da identidade da mulher negra dentro de uma sociedade sexista e racista, uma mulher negra veio até mim no final da discussão e me contou que sua filha de sete anos de idade estava deslumbrada com a idéia do cabelo loiro, de tal forma que ela havia feito uma peruca que imitava os cachinhos dourados. Essa mãe queria saber o que estava fazendo de errado em sua tutela, já que sua casa era um lugar onde a condição de negro era afirmada e celebrada. Mas ela não havia

considerado que o seu cabelo alisado era uma mensagem para a sua filha: nós mulheres negras não somos aceitas a menos que alteremos nossa aparência ou textura do cabelo (HOOKS, 2005, p. 7).

A agressão pela qual mulheres negras tem passado devido ao alisamento de seus cabelos naturais tem despertado nas mesmas um sentimento comum, conforme o que ocorreu nos anos de 1960, está acontecendo atualmente um posicionamento de muitas mulheres no sentido de não mais alisar seus cabelos crespos e cacheados, abrindo mão da estética do cabelo liso a assumindo seus fios naturais.

3. Estética natural nas mídias sociais

Assim como destaca Arraes (2014), há atualmente um interesse comum no ramo específico da beleza relativa ao cabelo natural, que tem gerado colaboração e *sororidade*⁷ entre mulheres negras, pois apesar de não ser um terreno majoritariamente ocupado por elas, “os laços que essas mulheres, a princípio desconhecidas, criam entre si podem muitas vezes ser invisíveis e distantes, mas também podem culminar em parcerias que despertam debates políticos e *sororidade*” (ARRAES, 2014, p. 1).

3.1 Vídeos sobre transição e Reificação

Como já dito, tem se difundido nas redes sociais, entre mulheres principalmente, a ideia de beleza ligada à valorização da estética do cabelo natural. Um dos meios mais utilizados para isto tem sido o *YouTube*, “como empresa de mídia, o *YouTube* é uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora do conteúdo em si” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 21). A produção de conteúdo dentro do mesmo se dá através dos seus usuários, de forma predominantemente amadora, o que acaba por conceder aos mesmos a possibilidade de alcance mundial, chegando ao maior número possível de pessoas com a linguagem audiovisual do vídeo.

⁷ Apesar da palavra *sororidade* não existir na língua portuguesa, Alves (2014, p. 55) define como *sororidade* “a irmandade entre mulheres”. E destaca que “o objetivo fundamental é tirarmos umas às outras das margens e nos centralizarmos”.

Em pesquisa no *Youtube*, um dos vídeos caseiros mais antigos encontrado sobre o tema tem sua data de *upload*, ou seja, foi disponibilizado no canal no ano de 2009, há seis anos, e é de uma americana⁸ falando sobre transição e *Big chop*, que consiste em cortar toda química do cabelo interrompendo a transição, o que muitas vezes resulta em cabelos curtíssimos e faz com que poucas mulheres tenham intenção ou coragem de executá-lo (Figura 5).⁹

Figura 5: Ilustração mostrando Big Chop e processo de crescimento do cabelo afro



Fonte: Maggi (2015)¹⁰

Os vídeos sobre cabelo crespos postados no *YouTube*, em sua grande maioria, consistem em tutoriais de beleza e cuidados com o cabelo, no [caso dos vídeos sobre transição há dois tipos, o durante e o pós-transição. Sendo os *pós-transição* os mais frequentes, assim como os sobre *big chop*.

⁸ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=plzd1n5cz4c>>. Acesso em: 4 mai. 2015.

⁹ “Grande corte” em livre tradução.

¹⁰ Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/transicao-do-alisamento-para-o-cabelo-natural-pode-ser-feita-sem-traumas6/#axzz3ZGhN90wh>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

Foram selecionados dez canais para acompanhamento do conteúdo postado e cinco desses apresentam material que aborda temas políticos, de identidade negra, autoestima, e algumas dessas mulheres negras falam abertamente sobre racismo, entre um vídeo e outro sobre tratamento capilar. As outras cinco focam especificamente no ramo da beleza, e suas rotinas diárias, estas costumam fazer resenhas de cosméticos e algumas vezes participam de campanhas publicitárias.

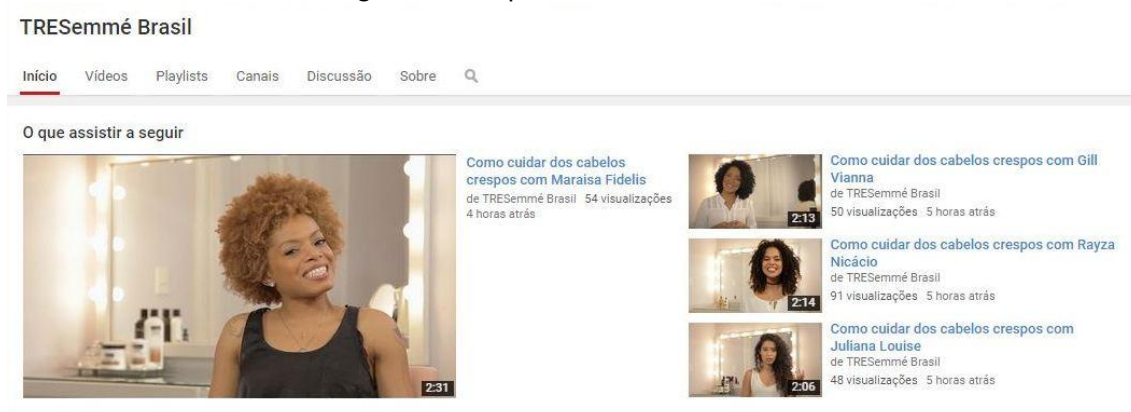
O mercado já identificou esse nicho e tenta apropriar-se das técnicas ensinadas já há muito tempo por *blogueiras* e *youtubers*, mesmo esse tipo de posicionamento nas redes já tendo mais de meia década. Goldmann (1991) observa através de estudos marxistas que algumas realidades dependem da vida econômica, todavia não são reflexos dela, ou seja, a tendência é que aja um esvaziamento da autenticidade das mesmas, ressaltando que o plano econômico tende a apropriar-se das articulações da vida em sociedade, isto caracteriza a reificação, conceito desenvolvido por Lukacs através da análise marxista do valor, chamada por Marx de fetichismo da mercadoria.

Num mundo em que tudo, inclusive a força de trabalho, se tomou mercadoria, os fins permanecem não menos indiferenciados que no esquema de produção - são todos rigorosamente quantificados e se tomaram abstratamente comparáveis por meio da moeda, de seu preço ou salário respectivos. Mais ainda, podemos agora formular sua instrumentalização, sua reorganização com base na separação meios/fins, numa nova forma, dizendo que, mediante sua transformação em mercadoria, uma coisa de qualquer tipo foi reduzida a um meio para seu próprio consumo. Ela não tem mais nenhum valor qualitativo em si, mas apenas até onde possa ser "usada": as várias formas de atividade perdem suas satisfações intrínsecas imanentes enquanto atividade e tomam-se meios para um fim (JAMESON, 1994, p. 3)

Num processo de reificação, observa-se que dentro deste nicho específico, o do cabelo crespo, as empresas têm elaborado várias campanhas que abarquem e atinjam estas mulheres, já que os produtos que existiam no mercado eram voltados para tratamentos químicos de alisamento e havia o predomínio desses produtos pós-química e redutores de volume. Conectadas às redes sociais, as empresas perceberam que deveriam produzir para esta nova demanda de mulheres que querem deixar seus cabelos naturais, caso da

Unilever que através da sua marca Tresemmé (Figura 6) tem montado um time de artistas e *youtubers* para promover sua linha de produtos para cabelos cacheados incorporando a sua marca, no seu canal no *YouTube*, as técnicas de tratamento que estas *youtubers* já ensinavam em seus canais pessoais. Também da Garnier, que elaborou a campanha “Cachos Poderosos” (Figura 7) com artistas predominantemente negras, entre outras empresas do mercado de cosméticos para cabelos.

Figura 6: Campanha TRESemmé Brasil.



Fonte: Como cuidar dos cabelos crespos, TRESemmé (2015)¹¹

Figura 7: Campanha Garnier “Cachos Poderosos”



Fonte: Cachos Poderosos (2015)¹²

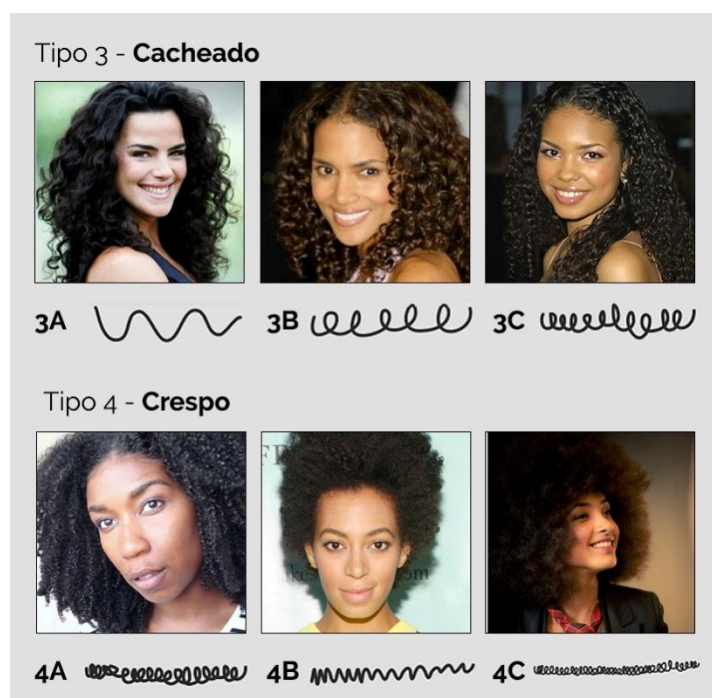
Os cabelos cacheados e crespos possuem uma classificação, ou seja, são divididos em tipos baseados em sua estrutura (Figura 8). São eles: 3A, 3B, 3C, 4A, 4B e 4C (VIANA, 2015). A principal crítica a estas campanhas

¹¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OowZbLK1vxM>>. Acesso em: 30 Jun. 2015.

¹² <http://www.garnier.com.br/cabelos/beauty/fructis/cachos-poderosos>>. Acesso em: 24 Set. 2015.

é que elas ignoram a existência de outros tipos de cabelos crespos, estabelecem um novo padrão ideal a ser atingido, principalmente aqueles que naturalmente não formam cachos abertos ou "perfeitos", mais especificamente chamados de 4C. Este tipo de cabelo é o alvo mais atingido por discriminações voltadas às mulheres negras e mais permanecem ignorados pela indústria devido ao racismo. São justamente os cabelos exibidos nos anos 60, no ápice do movimento Black Power, pois são eles que formam o verdadeiro penteado black, logo, são eles um dos mais significativos símbolos de luta e resistência do movimento negro. Mulheres que possuem este tipo de cabelo são mais propensas a acreditar no mito do cabelo "ruim", ou cabelo "duro", duas das formas discriminatórias pelas quais esses cabelos são chamados (MALACHIAS, 2007) e com isso tendem a buscar mais amplamente tratamentos químicos e não-químicos de alisamento.

Figura 8: Tipos de cabelos cacheados e crespos



Fonte: CabeloAfro.com.br (2015)¹³

O que acontece é que cabelos crespos possuem tensão menor na força máxima, menores valores de alongamento máximo e menor módulo de

¹³ Disponível em: < <http://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/>>. Acesso em: 24 Set. 2015.

elasticidade, ou seja, estudos apontam que o cabelo crespo apresenta ser o que sofre maiores danificações a determinados processos químicos. Assim, ao submeter os mesmos a esses tratamentos químicos, as mulheres estão fazendo com que seus cabelos naturais sofram danos que acabam com o passar do tempo, deixando eles bastante deteriorados (NAKANO, 2006).

3.2 Duas iniciativas de empoderamento através dos cabelos crespos nas mídias sociais

3.2.1 Projeto "Mulheres"

Foi graças a essa representatividade nas redes sociais e visibilidade que o projeto criado pela ilustradora mineira Carol Rossetti (2014), ganhou destaque nas redes com sua proposta de empoderamento das mulheres (Figura 9). Com traços simples, mas cheios de detalhes e aliados a textos, as ilustrações são feitas com lápis de cor e Rossetti retrata em seus desenhos temas complexos com engajamento político.

O Projeto Mulheres surgiu de forma espontânea e despretensiosa. Meu objetivo inicial era apenas praticar minha técnica com lápis de cor e passar uma mensagem boa para meus amigos que já acompanhavam meu trabalho. Optei por um viés interseccional por ser algo com o qual já me identificava. Eu sempre convivi com uma série de pequenas restrições cotidianas sobre meu corpo e o das tantas mulheres que fazem parte da minha vida, e depois de um tempo isso começou a me incomodar. Esse controle é tão parte da nossa cultura que nem sempre nos damos conta de como ele é cruel e do quanto restringe nossas escolhas pessoais. Mas não basta discutir exclusivamente as questões que afetam um grupo específico de mulheres. É preciso também discutir racismo, homofobia, bifobia, transfobia, elitismo, xenofobia, opressão contra pessoas com deficiências físicas. A luta por igualdade e respeito é muito ampla e deve ser inclusiva (ROSSETTI, 2014)¹⁴.

O projeto Mulheres não busca representar apenas as mulheres, nas ilustrações de Carol Rossetti vários grupos oprimidos e com pouco espaço representativo ganham destaque, nas palavras da própria ilustradora: “não é porque minhas protagonistas são femininas que este é um projeto apenas ‘para garotas’”.

¹⁴ Disponível em: < <http://www.carolrossetti.com.br/#!/women/c1h7i>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

Figura 9: Ilustração da artista mineira Carol Rossetti



Fonte: Galeria Online da Artista, 2015.¹⁵

3.2.2 Campanha “deixa o cabelo da menina no mundo”

Esta campanha foi compartilhada nas redes sociais através da hashtag “*Deixa o cabelo da menina no mundo*” e surgiu depois que a designer Diane Lima fez uma fala no *TEDXSãoPaulo* (ARRAES, 2015). Segundo Arraes (2015), a designer falou sobre o empoderamento que lhe foi repassado pela mãe, que sempre dizia a frase: “se a menina quer deixar o cabelo solto, deixa o cabelo da menina no mundo.” para as pessoas que queriam prender o cabelo de sua filha quando a mesma os queria soltos. E foi a partir disto que se iniciou a convocação para que ilustradores participassem e propagassem a idéia através de suas ilustrações (Figuras 10 e 11) com a hashtag nas redes sociais (ARRAES, 2015).

¹⁵ Disponível em: < <http://www.carolrossetti.com.br/#!gallery/cbad>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

Figura 10: Ilustrações enviadas para a Campanha



Fonte: Deixa o cabelo da menina no mundo (2015).¹⁶

Figura 11: Ilustração enviada para a Campanha "Deixa o cabelo da menina no mundo"



Fonte: Santos (2015)¹⁷

¹⁶ Disponível em: < <http://m.facebook.com/nobrasil.com>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹⁷ Arquivo Pessoal, desenho idealizado pela autora.

4. Considerações Finais

Por mais que a escravidão e a diáspora negra tenham obtido sucesso na despersonalização do negro, por mais que a mistura racial tenha mesclado corpos, costumes e tradições e por mais que o contato com o branco tenha disseminado um processo de discriminação intra-racial entre os negros e introduzido uma hierarquização racial que elege o tipo de cabelo e a cor da pele como símbolos de beleza e feiúra, todo esse processo não conseguiu apagar as marcas simbólicas e reais que nos remetem à ascendência africana. O corpo, a manipulação do cabelo são depósitos da memória (GOMES, 2008, p. 321).

A mudança estética por si só faz parte da nossa sociedade, principalmente do que se chama de "universo feminino". Cabelos lisos perfeitos são buscados até mesmo por mulheres que já possuem essa característica de forma natural, mas ainda não estão satisfeitas com a textura dos seus fios, e muitas mulheres brancas nem mesmo questionam quanto aos motivos deste objetivo estético. A indústria da beleza movimenta a economia e dá muitas oportunidades às mulheres brasileiras que buscam empreender e ter seu próprio negócio no ramo. Esses são alguns dos motivos de pouco se questionar sobre os padrões impostos às mulheres, afinal de contas tudo é assimilado como muito normal, lucrativo e até empolgante quando se trata do objetivo de ficar "mais bela".

Porém é por esse motivo também que muitas mulheres de cabelo crespo não percebiam o que está por trás dos processos de alisamento a que se submetem por longos períodos - muitas o fazem de forma consciente, por desejo de mudança ou por curto período, mas a grande maioria está tentando adequar-se à estética branca e nem mesmo se dão conta disto - até que alguém as questionem sobre o que elas estão fazendo com seus cabelos, do por que, do como e sobre qual seria a alternativa. Para as mesmas, alisar parece o único jeito: o mais fácil, o mais simples, o menos sofrido.

O aspecto racial é a linha tênue que separa a mudança estética inofensiva da mudança estética segregadora. A partir do momento que algumas mulheres conseguem questionar esse posicionamento e compartilham sua descoberta com outras, se instaura uma rede de troca de informações privilegiadas e transformadoras. A descoberta e o fortalecimento da autoestima

dessas mulheres, que descobrem nos seus cabelos crespos um corpo historicamente excluído de suas raízes são só dois dos fenômenos que podem ser observados nessa rede de mulheres. A aceitação de si mesmas vivenciadas por essas mulheres exemplifica o momento quando a negritude não mais pode ser usada contra o negro e esse momento, juntamente com as ferramentas utilizadas, precisa ser investigado nas suas mais específicas variações e aspectos (KING, 2015).

Muitas são as ferramentas e muitos são os aspectos a serem descobertos, a propagação dessas ideias nas redes sociais é apenas um recorte que pode ser feito e estudado, recorte este fruto do seu tempo, em constante transformação e com várias linguagens. Quando se isola a linguagem do vídeo, têm-se ali as possibilidades do ver e ouvir acontecendo de forma simultânea e em movimento e os reflexos da mensagem, seja ela politizada e empoderada ou não, tem características tão peculiares que merecem um olhar mais aprofundado e sensível.

Quando não se tem a aparência física questionada, contrariada, é preciso sensibilidade e humanidade para se colocar no lugar daqueles que veem, escutam e, sobretudo, aprendem a acreditar que seu corpo e sua presença física são inadequados. Sua existência, atravessada por tais questionamentos, será no mínimo desarmoniosa, pois foi marcada pela rejeição. É preciso trabalhar a estima de si mesmo buscando sua essência e sua verdade (KING, 2015, p. 6).

É assim que cabelo crespo tem gerado certo ativismo no sentido da afirmação da identidade negra, muitos são os relatos de empoderamento baseado no ato de assumir seus cabelos crespos, no entanto é preciso analisar como o processo de reificação tem gerado um novo padrão pronto para ser imposto e como faltam os elementos de politização que pautaram o movimento Black Power nos anos 60, que fortemente se utilizou da estética do cabelo no sentido de resistência e identidade. A construção da representatividade já é um avanço considerável, e como mostrado não é de hoje que tem sido reivindicada, mas qual seria o próximo passo? A questão da *reificação* é um ponto a ser levado em conta, mas também cabe questionar quanto às mulheres negras que continuam a alisar seus cabelos e, contudo não podem ser

excluídas desse contato com a transformação do empoderamento, mulheres como Michelle Obama, conscientes do seu papel representativo e que, todavia não exibem com frequência seus fios naturais, mantendo os mesmos sempre com alguma forma de alisamento, serão menos empoderadas e conscientes de sua ancestralidade que outras? Quais seriam os lugares dessas mulheres negras e o nível de consciência quanto sua posição como tal? Ainda não se tem as respostas para estas perguntas, todavia a necessidade de decodificar essa inclinação de mulheres negras em ligar sua identidade à maneira que usam seus cabelos pode revelar indícios do que virá em seguida, assim como tem colaborado para reestruturar a autoestima das mesmas.

Referências

ALVES, Simone Silva. **Saberes das mulheres veteranas na economia solidária: sororidade a outra educação!** 2014. Tese (Pós-graduação e Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/104457>>. Acesso em: 21 set. 2015.

ARRAES, Jarid. **As gurus da beleza negra na internet**. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/burus-da-beleza-negra-na-internet/#axzz3ZBBwtlph>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

_____. Deixa o cabelo da menina no mundo!. **Revista Fórum**, 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2015/06/10/deixa-o-cabelo-da-menina-mundo/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

CACHOS PODEROSOS. Garnier, 2015. Formato JPEG. Disponível em: <<http://www.garnier.com.br/cabelos/beauty/fructis/cachos-poderosos>>. Acesso em: 24 Set. 2015.

CARNEIRO, M. A. S. **O corpo do negro como suporte da estética religiosa de matriz africana no Brasil colonial**. In.: XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões: Goiânia. 2009. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_CARNEIRO_corpo_negro_estetica_religiosa.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2015.

COMO CUIDAR dos cabelos crespos. TRESemmé, 2015. Formato JPEG. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OowZbLK1vxM>>. Acesso em: 30 Jun. 2015.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A Estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura**. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828_ARQUIVO_AEsteticaeoMercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf>. Acesso em: 31 Ago. 2015.

DAL'PIZZOL, Cidimara; PSCHIEDT, Luciane. **História do penteado: uma revisão bibliográfica**. [2010]. TCC (graduação em Cosmetologia e Estética) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2010. Disponível em: < <http://siaibib01.univali.br/pdf/Cidimara%20Dal%E2%80%99Pizzol,%20Luciane%20Pscheidt.pdf>>. Acesso em: 31 Ago. 2015.

DEIXA O CABELO da menina no mundo. Fanpage NoBrasil, 2015. Formato JPEG. Disponível em: < <https://www.facebook.com/nobrasil.co/?fref=ts>>. Acesso em: 24 Jun. 2015.

DJOKIC, Aline. **Colorismo: O que é, como funciona**. Blogueiras Negras, 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, 2005. Disponível em: <www.uel.br>. Acesso em: 12 Set. 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Oswaldo. Black Power. **Revista Raça**. São Paulo, Editora Símbolo, nº. 8, Ano 2, abr. 1997, pp. 102 – 107. p. 106

GOMES, G. M. S. **A cultura afro-brasileira como discursividade: histórias e poderes de um conceito**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2013. Disponível em: <http://200.17.137.108/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1722>. Acesso em: 5 mai. 2015.

GOLDMANN, Lucien. A reificação. **Civilização Brasileira**, v. 16, p. 32-54, 1967. Disponível em: <<http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Goldmann,%20Lucien/A%20Reificacao.pdf>>. Acesso em: 23 Set. 2015.

GOMES, N. L. **Sem perde a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUEDES, Ivanilde; SILVA, Aline. Vício cacheado: estéticas afrodiaspóricas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 214-235, 2014. Disponível em: <<https://abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/478>>. Acesso em: 7 mai. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. DF Unesco UFMG; Brasília, 2003.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005

Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/#axzz3ZBBwtlph>>. Acesso em: 04 mai. 2015

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In.: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npsms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2015.

JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. **Crítica marxista**, v. 1, n. 1, p. 17, 1994. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo43artigoCM_1.2.pdf>. Acesso em: 21 Set. 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

KAHLO, Frida. **Self-Portrait with cropped hair**. New York: The Museum Of Modern Art, 2015. Disponível em: <<http://www.moma.org/collection/works/78333?locale=en>>. Acesso em: 10 Nov. 2015.

KETTENMANN, Andréa. **Frida Kahlo. Dor e paixão**. Paisagem distribuidora de livros Ltda. 2006.

KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/#axzz3ZBeYdmWu>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

MAGGI, Carolina. **Transição do alisamento para o cabelo natural pode ser feita sem traumas**. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/transicao-do-alisamento-para-o-cabelo-natural-pode-ser-feita-sem-traumas6/>>. Acesso em: 3 Mai. 2015.

MALACHIAS, Rosângela. Cabelo bom. Cabelo ruim. **Coleção Percepções da Diferença**, v. 4, 2007. Disponível em: <<http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/CABELO-BOM-CABELO-RUIM-vol4.pdf>>. Acesso em: 25 Set. 2015.

MONTEAGUDO, Luciano. “Fui usada para espalhar o medo”, afirma a ex-pantera negra Angela Davis. **Brasil de Fato**. São Paulo: Sociedade editorial brasil de fato, 2012. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/10745>>. Acesso em: 16 Set. 2015.

NAKANO, Adelino Kaoni; JOEKES, Inês. **Comparação de danos induzidos em cabelos de três etnias por diferentes tratamentos**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Instituto de Química, Unicamp. Disponível em: <<http://biq.iqm.unicamp.br/arquivos/teses/vtIs000413448.pdf>>. Acesso em: 24 Set. 2015.

NAVES, Marcel. Mesmo proibido, formol é vendido em São Paulo. **Estadão**. São Paulo: Grupo Estado, 2015. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,mesmo-proibido-formol-e-vendido-em-sp-imp-,1655797>>. Acesso em: 22 Set. 2015.

ROSSETTI, Carol. **O projeto**. Carol Rossetti (Site), 2014. Disponível em: <<http://www.carolrossetti.com.br/#!/women/c1h7i>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

SANTOS, Jordana Souza. Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 102, p. 147-15b3, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index/php/EspacoAcademico/article/viewFile/7128/481>>. Acesso em: 7 mai. 2015.

SANTOS, NRB. Deixa o cabelo da menina no mundo. Formato JPEG. Arquivo próprio, 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2014.

SOUZA, Érita Luzia de. **Estética do cabelo e comportamento psicossocial : um estudo comparativo entre México, Chile e Brasil**. 2009. Monografia (Especialista no Magistério Superior) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2009. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Elita%20Luzia%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 9 Set. 2015.

VIANA, Aleksana. **Como Saber Seu Tipo de Cabelo**. Tua Saúde (Site), 2015. Disponível em: <<http://www.tuasaude.com/como-saber-seu-tipo-de-cabelo/>>. Acesso em: 25 Set. 2015.

VIEIRA, Kauê. **Dreadlocks: estilo, negritude e história reunidos em um penteado milenar**. Afreaka (Site), 2015.

<<http://www.afreaka.com.br/notas/dreadlocks-estilo-negritude-e-historia-reunidos-em-um-penteado-milenar/>>. Acesso em: 4 Set. 2015.

VIEIRA, Marcella. Relato sobre discriminação. **Facebook**, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcella.vieira.984?fref=ts>>. Acesso em: 2 Ago. 2015.

TIPOS DE CABELO: como identificar o seu?. Cabeloafro.com.br, 2015. Formato JPEG. Disponível em: < <http://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/>>. Acesso em: 24 Set. 2015.